

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: PLX - Quem/Vistos

Data: 30/08/72 Pg.: 673

O Parque do Xingu, onde vivem 11 tribos, é um modelo a seguir em todas as regiões do Brasil em que contatos com os brancos põem em perigo a cultura e a vida dos silvícolas, pois ali surgiu um novo índio, são, confiante e feliz



Brasil mostra a indianistas como trata tribos do Xingu

Paulo Carneiro

Para dar aos participantes do VII Congresso Indigenista Interamericano, reunido em Brasília, a oportunidade de ver de perto grupos tribais em seu estado natural, vivendo segundo os hábitos, as normas e os ritos da sua própria civilização, promoveu a Fundação Nacional do Índio, ao termo do Congresso, uma visita coletiva às tribos dos Xavantes e outra ao Posto Leonardo Vilas Boas, no Parque do Xingu.

Depois de vários dias de exposições e debates sobre o problema indígena no continente americano, com especial ênfase sobre a situação do silvícola brasileiro, ansiavam os congressistas por um contato direto com algumas dessas tribos que só conheciam através das narrativas e dos filmes de sertanistas e etnólogos.

A confiança expressa pelo Congresso na ação do Governo brasileiro em prol dos índios sob a sua proteção, aumentou o desejo de um conhecimento mais amplo dos métodos seguidos para pôr em prática os princípios expostos pelo Ministro Costa Cavalcanti num admirável decálogo, ao abrir, em termos excelentes, o Congresso por ele presidido.

O caloroso apoio dado às numerosas recomendações apresentadas pela delegação brasileira, à luz da experiência e dos resultados adquiridos em 60 anos de pesquisas e trabalhos, foi, por outro lado, inequívoco testemunho da alta significação por todos atribuída às nossas propostas.

Cumpria, agora, pôr à prova as nossas teses, nas próprias aldeias em que vivem, independentes e livres, os nossos índios. Graças ao concurso da Força Aérea Brasileira, que tantos serviços tem prestado à causa indígena, puderam os congressistas rumar para o sertão. Optei pela ida ao Alto Xingu, movido pela situação particular em que se encontram as tribos, de origens e línguas diversas, aldeadas nas margens do grande rio, e pelo caráter modelar da obra ali realizada pelos beneméritos indianistas Orlando e Cláudio Vilas Boas.

Louçado seja o ilustre presidente da Funai, General Bandeira de Melo, pela inclusão, no programa do Congresso, desses contatos que asseguraram a todos a possibilidade de julgar com perfeito conhecimento o que o Brasil faz pelo índio.

Depois de algumas horas de pouso no Parque do Araguaia, na ilha do Bananal, onde se encontram os Karajás em avançado grau de aculturação, com escola e hospital, criação de gado e plantação de cereais (sem por isso perderem o gosto e as técnicas da sua cerâmica e da sua arte plumária), seguiu o nosso grupo, composto de 30 participantes, estrangeiros e brasileiros, para o Parque do Xingu.

Ficará para sempre em nossa memória a lembrança do primeiro encontro, à descida do avião, com o grupo acolhedor e alegre de índios e índios que nos aguardavam, cobertos de colares, plumas e pinturas sobre os corpos nus. Em poucos instantes estávamos rodeados pelo festivo bando que nos estendia as mãos e nos abraçava com expressiva afabilidade. As crianças que nos cercavam, ofereciamos, por nossa vez, como penhor de amizade, brinquedos, balas e bombons.

Na ausência de Orlando, retido longe do Posto pela aproximação que tentava com novas tribos, recebeu-nos D. Marina, sua mulher e devotada colaboradora. Serena e amável, fez-se de todos obedecer pelo só prestígio de que frui na comunidade indígena dispersa pelos 22 mil quilômetros quadrados do Parque sob a direção e a guarda do seu marido. Deu-nos conhecimento das providências que havia tomado para hospedar-nos e incitou-nos a partir imediatamente ao encontro dos Iawalapiti, a três quilômetros de lá. A medida que deles nos aproximávamos, seguindo pela mata a trilha que os religava à sede do Posto, exaltávamos a fascinante perspectiva de deparar de súbito com o terreno e as malocas da aldeia que habitavam!

Ao lado do chefe da tribo, caminhavam, à frente do nosso grupo, dois veteranos indianistas da Funai, o antropólogo Ney Land e

o médico sanitarista, Amaury Sadock de Freitas, além do diretor do Instituto Indigenista Interamericano, Gonzalo Rubio Orbe. Unidos, todos, de aparelhos fotográficos, marchávamos no passo rápido do índio que nos conduzia. A algaravia era grande, em português, espanhol, alemão e inglês, tão variada era a composição da nossa caravana. Três dos norte-americanos que nos acompanhavam, índios de puro sangue, dialogavam na sua própria língua, abandonando o inglês à medida que se embrenhavam na floresta...

Os adornos com que os homens e as mulheres da tribo se haviam paramentado, segundo os usos tradicionais dos Aruak, davam caráter festivo à recepção que nos faziam. Em torno da maloca central reservada aos homens (e proibida às mulheres), dispõem-se seis outras, de forma oval, amplas e sólidas, com espesso revestimento de folhas e de palha. Em cada uma delas reside um número variável de famílias, com as suas redes e utensílios, os seus instrumentos de caça e pesca, seus vasos e cestos, seus ornatos e a pequena lareira que à noite as aquece. Visitamo-las, a convite do chefe, entre os sorrisos e apertos de mãos dos seus moradores. Em torno das mulheres, bandos de crianças, ora ao seio, ora ao colo, enquanto outras já se exercitavam com arco e flecha no terreiro. Sentados nos bancos em que habitualmente se reúne a tribo, em frente das suas malocas, passamos algumas horas lado a lado com trinta ou quarenta índios que lá se achavam. A extrema facilidade com que aprendem línguas e dialetos permitiu-lhes adquirir um vocabulário português suficiente para manter conversações e responder às perguntas que lhes são feitas. Puderam, assim, todos os visitantes, colher as informações que desejavam e manifestar-lhes o seu interesse e a sua simpatia.

A beleza física e a extrema robustez dos Iawalapiti davam-nos, por vezes, a impressão de nos acharmos num campo de atletas altamente selecionados. As lutas e as danças de caráter ritual a que assistimos são admiráveis expressões de arte, tanta é a nobreza e a harmonia dos movimentos e dos gestos.

Entregues aos seus labores artesanais e aos seus encargos de família, fazem as mulheres bando a parte. Durante a nossa visita permaneceram quase todas no interior das suas moradas, onde foram com elas entreter-se os etnólogos que participaram do Congresso Indigenista.

Onze tribos ocupam a região do Alto Xingu em que nos encontramos ao Sul do Parque Nacional: Auete e Kamaiurá, de língua Tupi; Iawalapiti, Meínaco e Waurá, de língua Aruak; Kalapalo, Kuicuro, Matipu, Nafuquá e Txicão, de língua Karib; além dos Trumal que falam uma língua isolada. Ao norte do Parque, em torno do Posto Di-auarum, encontram-se também tribos do grupo Gé, como os Suiá e os Txucarramãe. Com exceção dos Txicão, que somente em 1967 penetraram nessa área, todas as demais tribos aí se encontram desde tempos imemoriais. Descreveu-as pela primeira vez Karl von den Steinen, em 1834. O número dos índios era então de 3 000. Ao ser criado o Parque, em 1961, estavam eles reduzidos a 800, dizimados por epidemias, carência alimentar e guerras inter-tribais. Ao processo de extinção sucedeu, a partir dessa data, uma verdadeira ressurreição, graças às medidas de apaziguamento interno e de assistência tomadas pelos irmãos Vilas Boas.

O contraste entre a situação de hoje e a de então demonstra exuberantemente a viabilidade da recuperação da população indígena brasileira, desde que se apliquem para isso os meios adequados. O Parque Nacional do Xingu foi o teatro de uma extraordinária experiência, coroada do mais brilhante êxito. Tornou-se modelo a seguir, sem tergiversar, em todas as regiões do Brasil onde os contatos com os brancos põem em perigo a cultura e a vida dos silvícolas.

Ao retomarmos o caminho da sede do Posto, trazíamos das horas passadas no convívio dos Iawalapiti o sentimento da perenidade do ho-

mem em seus traços essenciais, sentimento apaziguador das angústias provocadas pelas convulsões que, a todo momento, parecem pôr em jogo o nosso destino...

No dia seguinte, depois de assistirmos ao desfile de numeroso grupo de índios rumo ao rio onde se banham ao amanhecer, fomos visitar a tribo dos Txicão, de origem Karib, ainda há poucos anos, o terror da região pela sua agressividade. Trouxe-os Orlando Vilas-Boas para a comunidade do Xingu, a fim de pacificá-los e evitar que se extinguissem, pois, nas tropélias em que viviam já estavam reduzidos a pouco mais de 50, com muito pequena proporção de mulheres. A aproximação deles com as demais tribos do Parque exigiu tenaz esforço. Hoje, fraternizam todas e celebram juntas cerimônias e jogos.

A frequência dos contatos e dos casamentos intertribais deu origem a um processo de aculturação, criando um padrão mais ou menos uniforme para as diversas tribos da região. Não desapareceram, porém, os traços característicos de cada uma, o que torna o Alto Xingu um campo de pesquisas de excepcional interesse. Sob o olhar vigilante de Orlando Vilas Boas lá se encontram, constantemente, etnólogos brasileiros e estrangeiros a observar costumes, anotar mitos, descrever técnicas artesanais. Um jovem antropólogo francês ali está, neste momento, preparando uma tese sobre os Txicões, que se tornaram incondicionais amigos seus e de sua mulher, multiplicando-se em desvelos pela pequenina filha do casal, fascinados pelos seus cabelos louros e os seus olhos azuis...

Tudo o que vi nesse contato com o silvícola brasileiro, plenamente integrado no seu meio biológico e nas suas tradições culturais, leva-me a crer que não está de tão distante quanto poderia parecer do mito do bom selvagem. Montaigne, Rousseau e Bernardin de St. Pierre não se desiludiram se o fossem visitar no Parque do Xingu. Chateaubriand reconheceria facilmente alguns dos seus personagens nas tabas. Aruak, Tepsí e Karib do Posto Leonardo Vilas Boas...

O milagre que ali se realizou foi obra da ciência moderna posta a serviço da mais nobre das causas. A Antropologia pôs em evidência a complexidade do problema da aculturação e a prudência com que se devem processar os contatos entre índios e brancos. A Funai armou o etnólogo dos instrumentos de vida que lhe haviam até aqui faltado: as vacinas imunizadoras contra o sarampo, a gripe, a varíola, a tuberculose, a paralisia infantil, a febre amarela... Mobilizou-se, ao mesmo tempo, o arsenal da quimioterapia para debelar as infecções, as verminoses, a malária. Convênios assinados com a Escola Paulista de Medicina e com o Serviço Nacional de Tuberculose conduziram ao levantamento estatístico das tribos indígenas e à determinação das suas condições de saúde, em rigorosos fichários. Paralelamente, realizaram-se estudos hematológicos, inquéritos parasitários e colheitas de soro.

Surgiu, assim, no Xingu, um novo índio, são, confiante e feliz. Com ele, e não com o pária degradado pelas aculturações forçadas, é que contará o Brasil de amanhã. Pelos seus índices de robustez, constituem as tribos, convenientemente tratadas, uma preciosa reserva genética. A acuidade dos sentidos e uma viva inteligência abrir-lhes-ão, quando chegar o momento, os rumos para todos os gêneros de atividade no cenário nacional. Mas, para isso, é condição sine-qua-non que se respeite o ritmo da sua própria evolução, sem violentá-la sob qualquer forma.

De várias partes do mundo levanta-se um clamor para que seja concedido aos irmãos Vilas-Boas o Prêmio Nobel da Paz. Em nome de todos os que tiveram a ventura de apreciar in loco a obra de amor e de saber por eles levada a efeito, rogo às altas autoridades do Brasil que não tardem em interceder no mesmo sentido junto ao Parlamento norueguês. Oxalá possa o mundo de amanhã organizar-se à imagem e semelhança do Parque Nacional do Xingu!